

APORTES TEÓRICO-FILOSÓFICOS DE TRABALHOS SOBRE RIOS BRASILEIROS NA ABORDAGEM DA GEOGRAFIA HUMANISTA CULTURAL

Rita Jaqueline Nogueira Chiapetti

Departamento de Ciências Agrárias e Ambientais - DCAA, Universidade Estadual de Santa Cruz -
UESC, Ilhéus, Bahia.
jaque@uesc.br

Lurdes Bertol Rocha

Departamento de Ciências Agrárias e Ambientais - DCAA, Universidade Estadual de Santa Cruz -
UESC, Ilhéus, Bahia.
lurdesbertol@hotmail.com

Recebido em: 14/11/16; Aceito em: 03/05/17

RESUMO

O objetivo desse artigo é analisar os aportes teórico-filosóficos que orientaram as abordagens de trabalhos resultantes de pesquisas teóricas e empíricas sobre rios ou que tenham rios brasileiros envolvidos, desenvolvidos na perspectiva humanista cultural. Os procedimentos metodológicos constaram de levantamento dos trabalhos a serem estudados, seguidos de leitura apurada de cada um para constatar sua orientação na abordagem da Geografia Humanista Cultural. Na sequência foram realizadas a seleção, leituras e a caracterização desses trabalhos, como também a elaboração do mapa de localização dos rios pesquisados e, por fim, a interpretação e análise dos aportes teórico-filosóficos desses trabalhos. Como resultado, os trabalhos selecionados foram dissertações e teses desenvolvidas no período de 1990 a 2012, em programas de pós-graduação de universidades brasileiras, tendo como rios brasileiros pesquisados: Nhundiaquara (PR), Amazonas (AM), Araguaia (GO, MT, TO e PA), Jacaré-Pepira (SP), São Francisco (MG, BA, AL e SE), Capibaribe (PE), Rio das Contas (BA) e Rio de Ondas (BA); e os aportes teórico-filosóficos desses trabalhos foram, principalmente, a percepção e a fenomenologia.

Palavras-chave: Pesquisa; Rios; Percepção; Fenomenologia.

THEORETICAL-PHILOSOPHICAL CONTRIBUTIONS OF WORKS ON BRAZILIAN RIVERS IN THE APPROACH OF CULTURAL HUMANIST GEOGRAPHY

ABSTRACT

The objective of this article is to analyze the theoretical-philosophical contributions that guided the approaches of works resulting from theoretical and empirical researches about rivers or that have Brazilian rivers involved, developed from the cultural humanist perspective. The methodological procedures included a survey of the works to be studied, followed by an accurate reading of each one to verify its orientation in the Humanist Cultural Geography. Following the selection, other reading and characterization of these works were carried out, as well as the mapping of the location of the rivers surveyed, and finally the interpretation and analysis of the theoretical-philosophical contributions of these works. As a result, the selected papers were dissertations and theses developed in the period from 1990 to 2012, in postgraduate programs of Brazilian universities, having the following Brazilian rivers researched: Nhundiaquara (State of Paraná), Amazonas (State of Amazonas), Araguaia (States of Goiás, Mato Grosso, Tocantins and Pará), Jacaré-Pepira (State of São Paulo), São Francisco (States of Minas Gerais, Bahia, Alagoas and Sergipe), Capibaribe (State of Pernambuco), Rio das Contas (State of Bahia) e Rio de Ondas (State of Bahia); and the theoretical-philosophical contributions of these works were, mainly, the perception and the phenomenology.

Key words: Research; Rivers; Perception; Phenomenology.

INTRODUÇÃO

A água é um elemento imprescindível para a vida no planeta Terra pois, sem ela, qualquer tipo de vida seria inviável. Salgada, doce, congelada ou em forma de vapor, a água mata a sede, alimenta, extingue, transporta, lava, refresca, etc. e faz parte de todos os organismos terrestres. Para Chiapetti, R. e Chiapetti, J. (2011, p. 72): “A água é uma das maiores valorizações do pensamento humano porque representa uma necessidade fundamental à vida, já que está na base de quase todas as atividades humanas. A Terra é um planeta de água!”.

Nesse artigo, a água está representada pelos rios brasileiros estudados por pesquisadores e “transcritos” em trabalhos em forma de dissertações e teses, sendo que essas são nosso objeto de estudo no que se refere aos seus aportes teórico-filosóficos. Assim, questionamos: que pesquisas na abordagem da Geografia Humanista Cultural sobre rios brasileiros ou que envolvam rios brasileiros foram desenvolvidas no Brasil? Quais rios foram pesquisados? Quais foram os aportes teórico-filosóficos dessas pesquisas?

O objetivo é analisar os aportes teórico-filosóficos de trabalhos resultantes de pesquisas teóricas e empíricas sobre rios ou que tenham rios brasileiros envolvidos, desenvolvidos na abordagem da Geografia Humanista Cultural. É, também, constatar quais rios brasileiros já foram estudados e ter a possibilidade de fazer uma leitura geográfica deles, considerando a perspectiva humanista cultural. Portanto, não julgamos nem criticamos esses trabalhos, mas fizemos sua leitura/interpretação geográfica, procurando analisá-los enquanto seus aportes teórico-filosóficos.

Como justificativa, e partindo deste pressuposto, a interpretação e análise desses trabalhos nos permitirão conhecer melhor e divulgar os rios brasileiros que foram estudados pela ciência geográfica, mais especificamente, na visão humanista cultural, já que esses caminhos fluviais significam a vida, caracterizam lugares, servem para a produção de alimentos, de energia hidrelétrica, para abastecimento de água, como via de transporte e, ainda, expressam muitos significados históricos e culturais para as pessoas que vivem neles/deles. Sua importância, também, está no sentido de que, analisar os aportes teórico-filosóficos dessas pesquisas, contribuirá teoricamente para uma discussão sobre Geografia Humanista Cultural.

METODOLOGIA

Nossa pesquisa se insere nos propósitos da Geografia Humanista Cultural. Segundo a abordagem humanista, a Geografia oferece um modo peculiar de olhar para os fenômenos geográficos, na qual são ressaltadas e valorizadas as experiências, os sentimentos, a intuição, a subjetividade e a compreensão das pessoas sobre o lugar que habitam, buscando compreender e valorizar estes aspectos. Nesse sentido, podemos afirmar que os trabalhos selecionados para nossa pesquisa estão de acordo com essa abordagem geográfica.

Quanto à abordagem cultural em Geografia, seu objetivo é entender a experiência das pessoas no meio social e compreender a significação que elas impõem ao seu lugar e o sentido dado às suas vidas. A abordagem cultural integra o sujeito e o objeto, o objetivo e o subjetivo, etc. no campo da pesquisa da Geografia Cultural.

Os procedimentos metodológicos da nossa pesquisa se iniciaram com o levantamento de trabalhos de pesquisa que envolviam rios brasileiros, desenvolvidos no território nacional, optando por analisar trabalhos que apresentavam resultados consolidados de pesquisa, na forma de dissertações de mestrado e teses de doutorado. Para a escolha/definição desses trabalhos, partimos do nosso conhecimento a respeito de pesquisas sobre rios brasileiros que já haviam sido concluídas até 2014 (início dessa pesquisa), mas, fizemos, também, levantamento na internet e contamos, ainda, com a contribuição de amigos-geógrafos que têm experiência nessa área de conhecimento. Importante esclarecer que o período em que encontramos trabalhos orientados pela abordagem humanista cultural em Geografia foi de 1990 a 2012.

Depois dessa etapa de levantamento, passamos para a fase de seleção dos trabalhos, fazendo uma leitura apurada de cada um, para verificarmos a presença de termos que indicassem marcos teóricos consoantes com a discussão humanista cultural da Geografia.

Assim feito, selecionamos nove trabalhos no formato de dissertações e teses, cujos rios são: Rio Nhundiaquara (Lineu Bley); Rio Amazonas (Amélia Regina Batista Nogueira); Rio Araguaia (Lúcia Helena Batista Gratão); Rio Jacaré-Pepira (Renata Barrocas); Baixo Rio São Francisco (Gabriela Lessa); Rio Capibaribe (Janaina de Alencar Mota e Silva Marandola); Rio das Contas (Rita Jaqueline Nogueira Chiapetti); Rio São Francisco (Joycelaine Aparecida de Oliveira); e Rio de Ondas (Evanildo Santos Cardoso) (Figura 1).

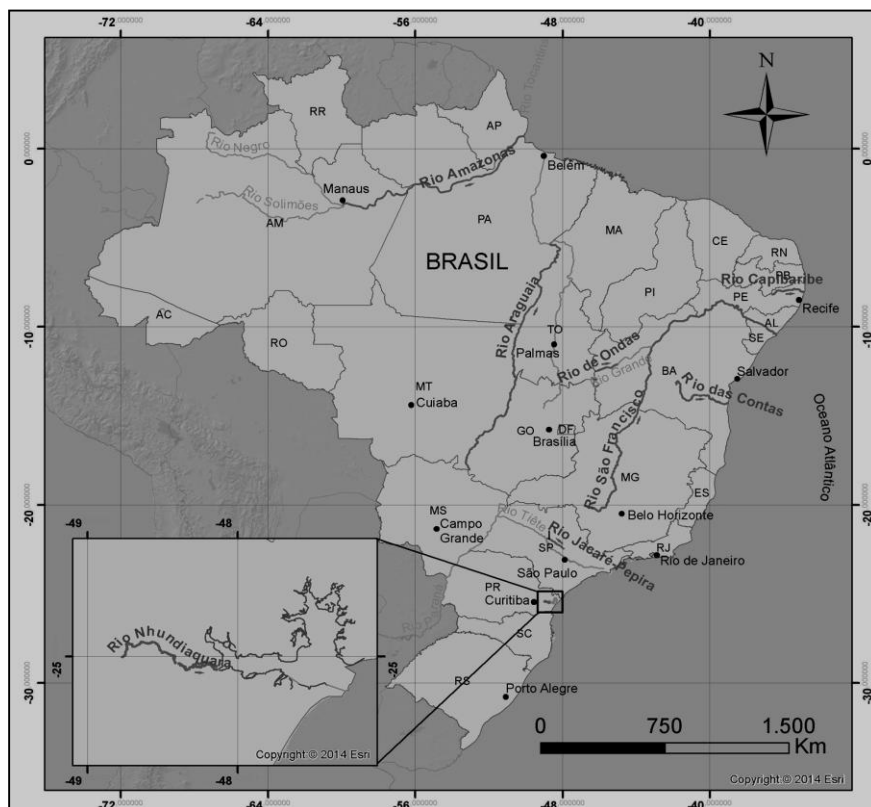
Terminada essa fase, fizemos novamente algumas leituras de cada um dos trabalhos, para podermos conhecê-los/compreendê-los melhor e extrair as informações necessárias à nossa pesquisa. Na sequência, buscamos conhecer/descrever um pouco sobre o conceito de rio, tanto como um elemento físico da Terra, como para a Geografia Humanista Cultural, já que foi essa a abordagem seguida pelos autores em seus trabalhos. Continuamos nossa pesquisa, elaborando o mapa de localização dos rios pesquisados, para visualizarmos espacialmente sua distribuição pelo território brasileiro.

E, como última etapa, identificamos os aportes teórico-filosóficos das pesquisas sobre rios ou que envolvam rios brasileiros, fazendo uma pequena discussão sobre eles e terminando com sua interpretação e análise em cada trabalho selecionado.

RIOS BRASILEIROS PESQUISADOS

Os rios brasileiros pesquisados nos trabalhos selecionados são oito: Nhundiaquara (PR), Amazonas (AM), Araguaia (GO, MT, TO e PA), Jacaré-Pepira (SP), São Francisco (MG, BA, PE, AL e SE), Capibaribe (PE), Rio das Contas (BA) e Rio de Ondas (BA).

Figura 1. Rios brasileiros pesquisados de acordo com a Geografia Humanista Cultural



Fonte da base cartográfica: <http://www.ibge.gov.br/geociencias/default.prod.shtm>

Elaboração: Pedro Spanghero, 2015.

De acordo com a Figura 1, os rios estudados/envolvidos nos trabalhos que analisamos estão localizados em diferentes regiões brasileiras, em lugares onde os pesquisadores residem, ou próximos a eles. O rio Nhundiaquara encontra-se na região sul do Brasil, no leste do estado do Paraná; o rio Amazonas corre na região norte, nos estados do Amazonas, Pará e Amapá; o rio Araguaia banha a região centro-oeste, dividindo os estados de Goiás e Mato Grosso e Tocantins e Pará; o rio Jacaré-Pepira e a parte mineira do rio São Francisco localizam-se na região sudeste, respectivamente, no centro-sul dos estados de São Paulo e Minas Gerais; e, finalmente, o rio Capibaribe, o baixo e o médio rio São Francisco, os Rios das Contas e de Ondas localizam-se na região nordeste brasileira, sendo que o primeiro banha o estado de Pernambuco, o segundo corre pelo sertão baiano, divide os estados de Pernambuco e Bahia e de Alagoas e Sergipe, e o terceiro e o quarto percorrem o estado da Bahia.

Quanto aos trabalhos selecionados para essa pesquisa, no Quadro 1 estão relacionadas as suas informações.

Quadro 1. Informações dos trabalhos sobre rios brasileiros, na abordagem da Geografia Humanista Cultural

Autor(a)	Orientador(a)	Dissertação/ Tese	Rio	Ano	Universidade/ Cidade
Lineu Bley	Lívia de Oliveira	Tese	Nhundiaquara (PR)	1990	UNESP/Rio Claro
Amélia Regina Batista Nogueira	Maria Elena Ramos Simielli	Tese	Amazonas (AM)	2001	USP/São Paulo
Lúcia Helena Batista Gratão	José Bueno Conti	Tese	Araguaia (GO, MT, TO, PA)	2002	USP/São Paulo
Renata Barrocas	Lívia de Oliveira	Tese	Jacaré-Pepira (SP)	2005	UNESP/Rio Claro
Gabriela Lessa	Werther Holzer	Dissertação	São Francisco (AL e SE)	2007	UFF/Niterói
Janaína de A. M. e Silva Marandola	Lívia de Oliveira	Dissertação	Capibaribe (PE)	2007	UNESP/Rio Claro
Rita Jaqueline Nogueira Chiapetti	Lívia de Oliveira	Tese	Rio das Contas (BA)	2009	UNESP/Rio Claro
Joycelaine Aparecida Oliveira	Carlos Rodrigues Brandão	Dissertação	São Francisco (MG e BA)	2009	UFU/Uberlândia
Evanildo Santos Cardoso	Maria Geralda de Almeida	Tese	Rio de Ondas (BA)	2012	UFG/Goiânia

Essas pesquisas foram desenvolvidas em universidades públicas das regiões sudeste e centro-oeste brasileiras, sendo que quatro são da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP/Rio Claro), duas da Universidade de São Paulo (USP/São Paulo), uma da Universidade Federal Fluminense (UFF/Niterói), uma da Universidade Federal de Uberlândia (UFU/Uberlândia) e a última da Universidade Federal de Goiás (UFG/Goiânia).

Todas as pesquisas foram feitas em Programas de Pós-Graduação em Geografia, com exceção do trabalho de Gabriela Lessa, defendido no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFF, mas orientado pelo professor doutor Werther Holzer, um dos expoentes estudiosos da Geografia Humanista brasileira.

Como estamos analisando trabalhos com abordagem na Geografia Humanista Cultural, fomos buscar as áreas de concentração em que essas dissertações e teses foram desenvolvidas e constatamos que somente a tese sobre o rio Araguaia não foi defendida na área de Geografia Humana, mas, sim, na área da Geografia Física da USP. Mesmo assim, a autora não caracterizou fisicamente o rio, mas abordou suas imagens e paisagens de lugares vividos por pessoas do rio. Os demais trabalhos são provenientes de programas de pós-graduação em Ciências Humanas.

Os professores-orientadores dessas dissertações e teses trabalham, ou já trabalharam, na área da ciência geográfica, mesmo que nem todos tenham a formação básica em Geografia, como no caso de Carlos Rodrigues Brandão, que tem formação em Ciências Sociais e Werther Holzer, com formação em Arquitetura e Urbanismo e em Comunicação Social. A professora Maria Elena Ramos Simielli é doutora em Ciências Humanas e Carlos Rodrigues

Brandão em Ciências Sociais. Livia de Oliveira, da UNESP/Rio Claro, doutora em Ciências, pela UNICAM (1967), foi a professora que mais orientou trabalhos (quatro) que envolvem rios brasileiros. Os demais são doutores em Geografia.

Uma característica que nos chamou a atenção é que houve um período muito grande sem que fossem desenvolvidos trabalhos sobre rios brasileiros na abordagem da Geografia Humanista Cultural, pois, de 1991 até 2000 não encontramos nenhuma dissertação ou tese defendida em universidades brasileiras. Se alguém o fez, não tivemos conhecimento/acesso. Fica, então, o questionamento sobre o porquê dessa lacuna.

SOBRE RIOS

Quando chove sobre a superfície da terra, parte da água evapora e vai para a atmosfera, retornando de onde veio, enquanto outra parte se infiltra no solo, a profundidades variadas, dando origem às águas subterrâneas; outra parte corre sobre a superfície, formando as águas de escoamento, integrando-se aos rios e, finalmente, encaminhada ao mar (POPP, 1987).

Rio, palavra proveniente do latim *rius*, tem suas águas transportadas pela correnteza para outro rio, para um lago ou para o mar. Um rio pode ser perene ou sazonal, dependendo do clima da região por onde suas águas correm. Nas regiões desérticas eles têm água enquanto durar a chuva, o que pode ter intervalos de anos como, por exemplo, no deserto de Atacama, no Chile. Já outros têm fluxo de água permanente, como ocorre com os rios da região amazônica. No Brasil, mais especificamente no nordeste brasileiro, existem rios perenes, mas, também, rios sazonais. Há, ainda, os rios cuja origem é a fusão dos glaciares de altas montanhas, como ocorre com alguns rios provenientes dos Andes, das Montanhas Rochosas, do Himalaia, etc.

Podemos, também, classificar os rios de acordo com a sua geomorfologia em retilíneos, anastomosados e meandrantos. Os retilíneos têm um único canal e são pouco sinuosos. Os anastomosados possuem vários canais e têm alta capacidade de transporte e sedimentação. Já os meandrantos apresentam canal único, altamente sinuoso.

Os rios são os principais elementos de distribuição das águas no planeta Terra. Sejam superficiais, subterrâneos ou freáticos ou, ainda, escondidos em cavernas, permitem vida aos seres vivos. Os rios, assim como as veias do corpo humano, transportam e distribuem os elementos necessários para a existência da vida no planeta; carregam a água, líquido precioso, para irrigar a terra, umedecer o ar, dar vida às plantas, abastecer as cidades, matar a sede dos sedentos, lavar a sujeira, banhar e limpar os corpos suados do labor diário, refrescar os dias quentes, apagar o fogo que devora florestas, lavouras, cidades.

Assim como há veias salientes, visíveis no corpo humano; veias internas, de grosso calibre e, também, minúsculas, há rios de todos os tamanhos, vazões, larguras... também aqueles que correm no interior da Terra, os lençóis freáticos, que por vezes brotam para fora da terra. Os rios são as veias do planeta Terra!

Da mesma forma que o corpo humano, composto de cabeça, tronco, membros e demais elementos, cada parte com sua função específica, o rio, também, ao longo do seu percurso, possui elementos específicos, conforme suas funções. Esses elementos são:

Nascente – berço que lhe dá origem ao início de sua caminhada pelo planeta.
Foz – local do fim de sua caminhada, podendo desembocar em outro rio, num lago ou no mar.

Jusante – direção de suas águas no sentido foz (rio abaixo).

Montante – direção de suas águas no sentido nascente (rio acima).

Margens – laterais de seu curso, delimitando sua largura. Dando-se as costas no sentido nascente-foz tem-se a margem direita e a margem esquerda.

Leito – área entre as duas margens, local do abrigo de suas águas, por onde viajam com segurança até chegar ao seu destino.

Talvegue – linha imaginária que se encontra no meio do leito mais profundo do rio e onde a corrente é mais rápida.

Afluente – rio menor que lança suas águas no rio principal de uma bacia hidrográfica.

Confluência – é a junção de dois ou mais rios, ou seja, o ponto onde há a convergência das águas de rios diferentes, a partir de onde as águas formam um só corpo.

Vau – trechos do rio onde o nível das águas permite travessia a pé ou a cavalo (GUERRA, 1987, p. 433).

Todo rio tem sua bacia hidrográfica. Assim, o conjunto de terras drenadas por um rio principal e seus afluentes forma a bacia hidrográfica: “Que representa a unidade mais apropriada para o estudo qualitativo e quantitativo do recurso água e dos fluxos de sedimentos e nutrientes” (PIRES et al., 2002, p. 17). É comum o emprego da expressão bacia hidrográfica como sinônimo de vale. Por exemplo, pode-se dizer bacia do São Francisco ou vale do São Francisco; bacia do Amazonas, ou vale do Amazonas; bacia do Rio das Contas, ou vale do Rio das Contas. Usam-se, ainda, as expressões bacia fluvial e bacia de drenagem.

Guerra (1987, p. 48) explica sobre a classificação das bacias hidrográficas: “[...] a bacia hidrográfica pode ser *principal*, *secundária* e mesmo *terciária*, segundo certos autores, quando constituída de cursos de água de menor importância, isto é, os subafluentes, geralmente. Podem ser ainda: litorâneas e centrais ou interiores” (Grifos do autor).

Os rios envolvidos nessa pesquisa têm suas bacias hidrográficas classificadas como principais (rios Amazonas, São Francisco, Capibaribe, das Contas e Nhundiaquara), secundárias (rio Araguaia) e terciárias (rios de Ondas e Jacaré-Pepira), como também de acordo com outra classificação, litorâneas (ex. rios Nhundiaquara e das Contas) e interiores (ex. rios Araguaia, de Ondas e Jacaré-Pepira).

Mas, para a Geografia Humanista Cultural, os rios significam muito mais do que veios d’água ou patrimônios naturais da Terra. De acordo com Chevalier e Gheerbrant (2007, p. 781): “[...] seja a descer as montanhas ou a percorrer sinuosas trajetórias através dos vales, escoando-se nos lagos ou nos mares, o rio simboliza sempre a existência humana e o curso da vida, com a sucessão de desejos, sentimentos e intenções, e a variedade de seus desvios”.

Os rios são paisagens... são lugares... em que as pessoas se abrem aos mistérios da natureza, ao patrimônio simbólico, possibilitando a interpretação da criação cultural, um encontro das pessoas. Como escreve Lessa (2007, p. 116): “O espaço do Rio é o lugar de muitos e paisagem para todos”.

Chiapetti refere-se a rio, escrevendo:

O rio mata a sede e a fome, lava o corpo, lava a roupa, leva as pessoas para muitos lugares, rio acima, rio abaixo... Essa relação das águas com a vida, com o mundo dessas sociedades é o resultado do longo processo histórico e cultural das relações entre essas sociedades e a natureza (CHIAPETTI, 2014, p. 59).

De acordo com Gandara (2007), os rios são construtores de mundos sociais e aglutinam em torno de si uma boa quantidade de representações, sendo lugares de significação, que permitem viajar... a viagem da vida, pois possibilitam o sustento da vida. Já, para Souza Neto (1997), um rio guarda em si múltiplas possibilidades, esperança... chora e sorri enquanto corre... corre com sua fluidez... lava e leva, conduz os homens no seu dorso... ensina e aprende... guarda em si todos os mistérios da natureza... e, ainda, é de uma simplicidade sem par.

E, à luz do olhar de um poeta (ARBUÉS, 1997, p. 20): “O rio é mais alma, espírito, energia viajante, fugidia, buscando alguma coisa sempre. [...] No rio não se pega e não se sobe, pois ele nos recebe, nos molha e a água dele tirada acabará retornando a ele ou a outro rio, de alguma forma”.

As autoras Chiapetti e Gratão escrevem sobre rios, fazendo uma analogia entre eles e os homens:

Alguns rios são mais lentos, outros mais rápidos; uns seguem em curvas, outros em quedas, correnteza. Alguns são grandes em extensão ou largura; outros, pequenos. Alguns rios são chamados de ribeirões e podem ter poços d'água estagnados mas, outros são alegres, saltitantes. Ainda, têm aqueles com águas límpidas mas, têm outros turvos. Existem rios com corredeiras e cachoeiras, por onde as águas agitam-se para depois se acalmar, como se cansassem da folia e, então, comessem a deslizar suavemente pelo seu leito. Também, assim, são os seres humanos... como os rios são uns diferentes dos outros... como as águas do rio que passam por onde querem dentro do seu leito, adaptando-se às curvas, à procura de sua liberdade, muitos seres humanos também os fazem. Mas, os homens têm o mesmo destino das águas de um rio... águas que correm... que se adaptam às curvas do rio, seguindo sempre para o mar... seu destino... (CHIAPETTI e GRATÃO, 2010, p. 285).

Nesse sentido, há de se refletir sobre os rios e a Geografia Humanista Cultural, podendo observar que não foi por acaso que os trabalhos selecionados para essa pesquisa envolvem esses caminhos hídricos brasileiros, nos quais são fortemente evidenciadas as relações sociais, culturais e sentimentais.

APORTES TEÓRICO-FILOSÓFICOS DAS PESQUISAS SOBRE RIOS BRASILEIROS

Os rios estudados nos trabalhos selecionados para essa pesquisa foram escolhidos por seus autores-pesquisadores porque a maioria deles vive ou nasceu próximo a eles. Por isso a intensa afetividade por esses caminhos hídricos. Esses trabalhos foram produzidos de acordo com as linhas que compõem a Geografia Humanista Cultural, tendo como principais aportes teórico-filosóficos a percepção e a fenomenologia.

PERCEPÇÃO

A percepção possui diferentes significados e interpretações, devido às variadas definições nas áreas do conhecimento em que é utilizada, mas, sempre ligada ao ato de perceber, enquanto conhecimento.

A percepção é uma ação humana de compreensão fenomenológica do mundo, que se dá a partir da presença do homem no mundo, no lugar, construindo-se com ele, demonstrado na geograficidade, segundo Dardel (2011). Para a Geografia Humanista Cultural, a percepção não se dá na relação das pessoas com o lugar, mas na interrelação, já que as pessoas e o mundo não existem isoladamente.

Yi-Fu Tuan foi um dos primeiros geógrafos a estudar o espaço e o lugar a partir da percepção, da vivência no cotidiano e da significação dos signos. Para Rocha (2003), esse autor analisa as diferentes maneiras das pessoas sentirem, perceberem e conhecerem o espaço e o lugar e mostrar como o homem que está, ao mesmo tempo, no plano do animal, da fantasia e do cálculo, experimenta e entende o mundo.

Para Tuan (1980, p. 3), "A percepção é tanto a resposta dos sentidos aos estímulos externos, como a atividade proposital, na qual certos fenômenos são claramente registrados enquanto outros retrocedem para a sombra ou são bloqueados", pois: "Muito do que percebemos tem valor para nós, para a sobrevivência biológica e para propiciar algumas satisfações que estão enraizadas na cultura" (p. 4).

É através da percepção que obtemos informações sobre o meio em que vivemos, para que possamos ter sempre uma conduta eficaz, efetiva. Desse modo, podemos dizer que a percepção é a forma como, através dos sentidos, as coisas chegam à nossa mente. É a forma como nos relacionamos com as coisas, de um modo geral. "A percepção é uma fase da ação e seu papel biológico é o de despertar e dirigir as reações do homem, [...] não se limita a lhes fornecer matéria para contemplação, mas os convida à ação e permite-lhes o ajustamento ao mundo no qual vivem" (PENNA, 1982, p. 18). A percepção é o conhecimento que adquirimos através do contato atual, direto e imediato com os objetos, os fenômenos e seus movimentos.

Perceber, de fato, é conhecer para, com base nos dados recolhidos, promover-se a coordenação da conduta. [Sendo que] a conduta é, essencialmente, um processo de readaptação. Visa recompor um equilíbrio que se destruiu, diante das alterações que continuamente se produzem, tanto no meio externo quanto no indivíduo (PENNA, 1982, p. 18).

Para Del Rio e Oliveira (1996), a percepção do espaço nas pesquisas geográficas brasileiras está muito ligada à compreensão da relação pessoas com seu espaço vivido, sendo que as pessoas sempre são consideradas como fonte de conhecimento/experiência para organização desse espaço, como uma melhor forma de viver.

FENOMENOLOGIA

Enquanto uma filosofia do pensamento humano, a fenomenologia tem como precursor Franz Brentano; no entanto, foi Edmund Husserl (1859-1938) quem formulou as principais linhas dessa abordagem, como a análise da essência do dado, do fenômeno e que abriu caminho para outros pensadores contemporâneos, como Heidegger, Jaspers, Sartre, Merleau-Ponty, dentre outros.

Para Bochenski (1968), a fenomenologia foi um movimento filosófico que permitiu a ruptura com o século XIX e a construção da filosofia contemporânea, não se aplicando somente à doutrina de Husserl, mas, também, a todo o grupo de pensadores que representa essa tendência.

A fenomenologia baseia seus estudos no mundo vivido, no mundo da experiência humana, permitindo compreender a essência de fenômenos sociais, a partir da consciência e da percepção das pessoas acerca do mundo que os rodeia. Ela busca ampliar continuamente a compreensão da realidade, no sentido de percebê-la na sua totalidade, destacando a importância das percepções, dos fatos socioambientais e, por fim, da intersubjetividade do pensamento, que, como um todo, constitui nosso mundo-vivido, o qual envolve as histórias, os sentimentos, os valores, etc.

Na realidade, a fenomenologia procura perceber o que é humano em sua essência e o: "Que tem a ver com os princípios e com as origens do significado e da experiência" (RELPH, 1979, p. 1). Para Dartigues (1973), a fenomenologia foi criada para modificar nossa relação com o mundo, para assim melhor extrair dele seu sentido. Complementamos citando Oliveira (1999, p. 48), pois para ele, na fenomenologia: "Não se pode separar a ciência do cientista, o sujeito do objeto, o criador da criatura".

Nesse sentido, a fenomenologia:

[...] parte do princípio da intencionalidade, incluindo o mundo na consciência, caracterizando uma nova relação entre o sujeito e o objeto definida por sua correlação, que não se configura em um só objeto, mas no mundo inteiro, como ser-envolvido-no-mundo (HOLZER, 1997, p. 78).

Holzer (1997) afirma que o papel da fenomenologia é de reaproximar as ciências de nossas vidas, ações e projetos, a partir das experiências ante-predicativas (anteriores aos conceitos e aos juízos), ou seja, relativas à percepção.

Esse autor escreve que, para chegar às essências, a fenomenologia procede a variações imaginárias, que consistem em fazer variar as características de um objeto ou realidade até que se obtenha o que é invariável - a possibilidade de designação deste fenômeno, ou seja, sua própria essência. As variações reais, por sua vez, derivam das experimentações, da pesquisa empírica e dedutiva.

A perspectiva fenomenológica se concretiza no sentido de que nos voltamos à essência dos trabalhos que analisamos, pois o conhecimento está na essência e não na aparência. E as essências:

São tantas quantas forem as significações que possamos produzir. Seus veículos são a percepção, o pensamento, a memória e a imaginação, dando a estas significações um caráter universal, intersubjetivo e absoluto. [...]. A ciência das essências se refere à existência humana e a nossa experiência do mundo (HOLZER, 1997, p. 79).

Para Holzer (2010, p. 39, citando RELPH, 1981), a fenomenologia é uma alternativa ao “modo de fazer”, na medida em que proporciona o “modo de ser”: “O método fenomenológico [...] era visto como um aporte que permitia análises variadas sobre o tema da volta às coisas mesmas”.

Corrêa e Rosendahl (2007) referem-se à fenomenologia, dizendo que ela tem desempenhado um papel importante na construção do conhecimento geográfico, para além de induções e generalizações, que são resultados esperados pela maioria das ciências.

A PERCEPÇÃO E A FENOMENOLOGIA NOS TRABALHOS SOBRE RIOS BRASILEIROS

Os rios são tão importantes na história da humanidade, que se confundem com a sua própria biografia, pois foi através ou próximo deles que as pessoas quase sempre procuravam se fixar para (sobre)viver, desde os tempos mais remotos de ocupação da Terra.

Os pequenos e os grandes rios tiveram um importante papel de protagonistas na conquista e colonização dos continentes e, depois, participando da agricultura e do comércio. [...]. Os rios têm a imagem da vida, ou a água de que necessitamos para viver. Portanto, os rios têm vida e nos proporcionam a vida [...] (CHIAPETTI, R. e CHIAPETTI, J., 2011, p. 76).

Os rios podem apresentar diferentes paisagens por onde passam, a depender do seu uso como, também, suas águas podem revelar de que forma as pessoas se relacionam com eles, ou seja, como ocorre a vida que depende deles.

Nesta perspectiva, constatamos que todos os trabalhos selecionados para essa pesquisa foram desenvolvidos considerando a vida experienciada pelas pessoas no lugar-rio, ou seja, o rio e as pessoas do rio e seu mundo vivido, conforme preceitua a Geografia Humanista Cultural. Para percebermos um lugar e o compreendermos, as pessoas devem ser consideradas pelas suas experiências vividas, já que um lugar pode ter muitos significados. Assim, nossa percepção pode ser dada também enquanto experiência do outro com o seu lugar, compreendendo as culturas locais e fundamentando nosso conhecimento do seu mundo vivido.

Pelas imagens (fotografias, gravuras, pinturas) desses trabalhos, foi possível perceber e interpretar a maneira pela qual as pessoas do lugar experienciam seus rios, expondo seus sentimentos de pertencimento àqueles lugares. um lugar-rio experienciado quase sempre cotidianamente. A percepção e a fenomenologia foram seus principais aportes teórico-filosóficos, permitindo perscrutar os pontos de vista, o sentido e a importância desses rios para as pessoas que vivem em seu entorno e/ou sobrevivem deles, seja através da navegação, da pesca, do turismo, da irrigação de lavouras ou, simplesmente, porque não “vivem sem seus rios”, além de tantos outros motivos.

Os rios relacionados nessa pesquisa e representados na Figura 1 e no Quadro 1 têm “a alma” desvendada a partir da ótica da percepção e da fenomenologia, aportes a partir dos quais suas identidades foram reveladas. Em todas as pesquisas sobre eles foram aplicadas entrevistas abertas para desvelar seu significado para cada uma das pessoas que participaram das pesquisas de campo. No entanto, “essas conversas” só passaram a fluir a partir do momento em que essas pessoas se sentiram livres para expor seus sentimentos, a compreensão da sua vida entrelaçada às águas dos “seus” rios, num vai e vem de vida e de alegria; mas, também, de preocupação e de morte...

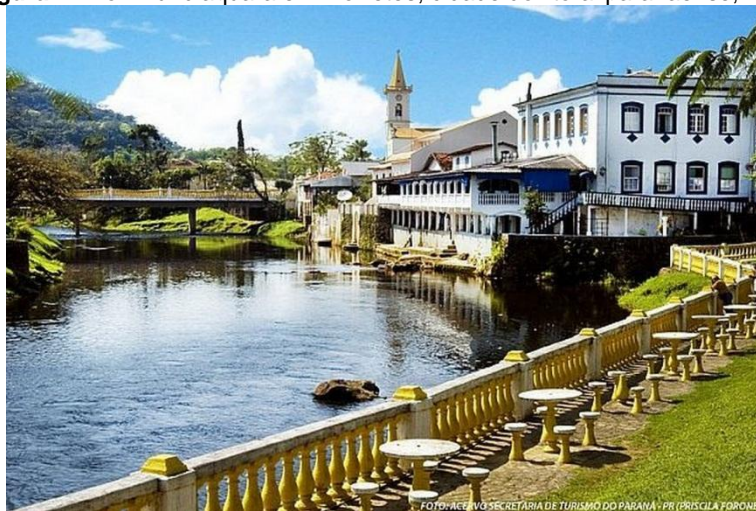
Começamos pelo rio Nhundiaquara. A bacia hidrográfica da qual faz parte, localiza-se no leste do estado do Paraná e faz parte da bacia do Atlântico. Lineu Bley fez sua tese de doutorado intitulada: “Morretes: estudo de paisagem valorizada” (BLEY, 1990, p. 15), apresentando o rio

Nhundiaquara na paisagem de Morretes: “A partir da consideração de um espaço subjetivo, sentido e vivido, um espaço de cada ser humano, um espaço individualizado”. Um dos marcos da vida desse rio são as enchentes catastróficas que trazem muita destruição física e humana. “Isso ocorre devido à coincidência de chuvas abundantes do alto da Serra do Mar paranaense, na região de sua nascente e de alguns de seus afluentes e as marés altas na baía de Paranaguá” (BLEY, 1990, p. 131).

Contudo, para os moradores do lugar (Figura 2), segundo registros dessas impressões, o rio Nhundiaquara é:

A melhor paisagem do lugar, um lugar para pensar, se encantar, se esquecer de tudo... proporciona sensação de paz e de calma... rio que enche Morretes de alegria... uma paisagem onde o verde é puro, os pássaros cantam, as águas correm... é no rio Nhundiaquara que os pescadores se divertem e a criançada adora tomar banho... suas águas são tão bonitas que até parecem cristais... (BLEY, 1990, p. 135)

Figura 2. Rio Nhundiaquara em Morretes, cidade do litoral paranaense, 2015



Fonte: <http://www.guiadoturismobrasil.com/up/img/1434224050.jpg>

No entanto, apesar de o rio trazer essas imagens poéticas de amor, de pertencimento, aparece, também, a tristeza manifestada devido a uma doença imposta ao rio pelas pessoas do lugar: a poluição. Bley (1990, p. 136) constatou, como resultado da sua pesquisa: “Apesar de toda sua beleza, tem um defeito, [o rio] é poluído, jogam lixo nele”; e o lamento dos moradores continua ao perceberem que o rio aos poucos vai morrendo, pela poluição que o afoga.

Nesse trabalho fica explícito que a paisagem é o suporte físico no qual se estrutura a sociedade, cuja morfologia é resultante da lógica própria dos processos sociais e culturais; é tudo que vemos e sentimos e é o resultado da acumulação de muitas gerações (GEORGE, 1973; DOLFFUS, 1975; SANTOS, 1982, citados por BLEY, 1990).

O rio Amazonas revelou-se à Amélia Regina Batista Nogueira em sua tese de doutorado, “Percepção e representação gráfica: a ‘geograficidade’ nos mapas mentais dos comandantes de embarcações no Amazonas” (NOGUEIRA, 2001), através, principalmente, de mapas mentais dos comandantes das embarcações que fazem das águas desse rio os caminhos do cotidiano, levando e trazendo gente, mercadorias, esperanças, como também, notícias de vida e de morte (Figura 3).

Figura 3. Embarcações no rio Amazonas no porto de Manaus, 2015



Fonte: <http://www.viagensecaminhos.com/2015/07/viagem-de-barco-pelo-rio-amazonas-de.html>

Este rio tem sua origem na nascente do rio Apurímac, na parte ocidental da Cordilheira dos Andes, mais precisamente no sul do Peru. Com quase sete mil quilômetros, esse rio tem vários nomes antes de ser brasileiro. Quando entra em nosso território recebe o nome de Solimões até chegar a Manaus, quando se junta ao rio Negro para, então, finalmente, tornar-se o rio Amazonas e seguir seu destino, até desaguar no Oceano Atlântico, no norte do nosso país.

O mapa mental é portador de informações espaciais armazenadas na mente de uma pessoa, as quais estão de acordo com experiências de um determinado lugar. Tais experiências podem ter sido adquiridas de forma direta (contato pessoal) ou através dos vários meios de informação disponíveis (rádio, televisão, jornais, romances, filmes, infovias, relato de viagens, entre outros). Eles não trazem dados exatos de distância e de localização, mas fornecem informações que permitem a elaboração de uma cartografia de precisão (NOGUEIRA, 2001).

Para Nogueira (2001), o que os mapas mentais trazem é a vida do rio Amazonas e de seu entorno, de acordo com a vivência e a percepção dos comandantes das embarcações. Nesse trabalho fica claro que a fenomenologia valoriza as experiências das pessoas, como princípio do conhecimento do mundo [lugar vivido] (NOGUEIRA, 2001, citando DARTIGUES, 1973).

Um mapa mental vai tomando contornos e se estabelece na mente das pessoas de acordo com experiências adquiridas de um determinado lugar, ou de informações chegadas através dos vários meios de informação disponíveis. Contudo, um mapa mental não é necessariamente um mapa; ele se forma a partir de um processo, através do qual se adquirem, processam-se e se armazenam informações espaciais. O mapa mental, ou mapa cognitivo, ou, ainda, mapa imaginário, traz à tona, portanto, a experiência que as pessoas têm de um determinado lugar e da relação que mantêm ou mantiveram com ele. Esta relação nem sempre é física, pois pode ser efetuada pelas informações obtidas pelos vários meios de comunicação. No caso dos comandantes de embarcações do Amazonas, as imagens foram se acumulando em suas mentes, construindo, aos poucos, mapas mentais cheios de ricas minúcias, que lhes dão segurança para singrarem suas águas e reconhecerem os lugares e as pessoas ao longo de suas “andanças” pelos leitos dos rios, que lhes servem de estradas da vida (NOGUEIRA, 2001).

A geógrafa Lúcia Helena Batista Gratão singra o rio Araguaia pelas águas da percepção oriunda da poética na Geografia. Sua tese foi desenvolvida com o título: “A poética d’ “O Rio” – ARAGUAIA! de cheias... & vazantes... (à) luz da Imaginação!” (GRATÃO, 2002).

O rio Araguaia nasce na serra do Caiapó, próximo ao Parque Nacional das Emas, no município de Mineiros, em Goiás, a 850 m de altitude. Banha e distribui suas águas para quatro Estados brasileiros: Goiás, Mato Grosso, Tocantins e Pará. A meio caminho abre os

braços e forma a maior ilha fluvial do mundo, com cerca de 20 mil km², dando origem a dois ecossistemas que convivem irmãmente: o cerrado e o amazônico. Após percorrer um pouco mais de dois mil quilômetros, no extremo norte de Tocantins, na localidade de Bico do Papagaio, entrega suas águas ao irmão, o rio Tocantins e, juntos, entregam-se ao mar.

As imagens do rio desenhadas na mente dos viajantes, turistas e ribeirinhos são, segundo Gratão (2002), percepções que vão construindo, aos poucos, o cotidiano das águas e de tudo o que a elas se refere, formando, assim, um mundo que os liga ao rio como uma fonte de vida (Figura 4). Tem-se, dessa forma, uma Geografia não ensinada, mas uma Geografia vivida, vivenciada, experienciada.

Para Gratão (2002, citando LOWENTHAL, 1985), as geografias pessoais são os caminhos utilizados para conhecer os universos geográficos do rio Araguaia, vividos, experienciados e sonhados pelas pessoas do lugar. A imaginação nada mais é senão o sujeito transportado às coisas (GRATÃO, 2002, citando BACHELARD, 2000). É outra maneira de fazer uma Geografia que analisa as experiências mais recônditas, primitivas e diretas do ser humano com a Terra; esta relação primordial, seminal, sem a qual nossa existência não teria sentido (GRATÃO, 2002, citando DARDEL, 1952).

Figura 4. Paisagem do rio Araguaia em Tocantins, 2013



Fonte: http://brasildasaguas.com.br/wp-content/uploads/sites/4/2013/04/img_9-9-600-400-1001-300x199.jpg

O Jacaré-Pepira, rio estudado na tese de doutorado da geógrafa Renata Barrocas, que tem como título: “A (trans)formação do turismo no município de Brotas, SP: a a relação entre o morador e o turista” (BARROCAS, 2005), compõe a bacia do rio Tietê. Nasce na divisa dos municípios de Brotas e São Pedro, localizados no centro geográfico de São Paulo, a 960 m de altitude e entrega suas águas ao rio Tietê, no município de Ibitinga. É bastante utilizado para esportes náuticos e de aventura, sendo um dos responsáveis, de forma significativa, pelo desenvolvimento regional, em função de seu alto potencial turístico. Devido à recuperação e conservação de suas matas ciliares, é um dos poucos rios paulistas pouco poluídos. O nome do rio já indica a que veio, pois Jacaré-Pepira, na língua indígena, significa “rio em festa” (BARROCAS, 2005, p. 10). (Figura 5).

Barrocas (2005) escreve em seu trabalho que, os habitantes de Brotas têm uma relação bastante próxima com o rio Jacaré-Pepira, demonstrando preocupação com os impactos causados pelo número crescente de turistas. Para eles há uma dicotomia nesses impactos, pois aparece aí a dualidade: positivo e negativo. Os impactos positivos, com relação ao turismo, referem-se à melhoria da infraestrutura, aumento na tomada de consciência quanto à importância da conservação do patrimônio histórico; e os negativos são a aglomeração intensa de pessoas em determinados lugares, o congestionamento nas vias públicas, os danos aos recursos naturais, entre outros. Essa dualidade leva a estudos e pesquisas, tendo em vista encontrar uma solução mais equilibrada entre incentivar o turismo e minimizar seus

impactos negativos, principalmente, com relação ao rio Jacaré-Pepira, motivo fundamental do turismo na região.

Figura 5. Esporte e lazer nas águas do rio Jacaré-Pepira, Brotas-SP, 2015



Fonte: <https://www.brotasonline.com.br/wp-content/uploads/2015/07/chegada-grupo-boia-cross-brotas.jpg>

Gabriela Lessa dá o título de “No Baixo São Francisco: a viagem do redescobrimto – do espaço ao lugar” (LESSA, 2007), à sua dissertação de mestrado. Neste trabalho, a pesquisadora procura desvelar os conceitos de espaço, paisagem e lugar, numa abordagem da Geografia Humanista, fundamentada na percepção fenomenológica (Figura 6). O estudo de caso da autora corresponde a um trecho da bacia hidrográfica do São Francisco, entre os estados de Alagoas e Sergipe.

Figura 6. “Minha” paisagem do rio São Francisco, segundo Gabriela, Saramém-SE, 2007



Fonte: Lessa (2007).

Lessa (2007) informa sobre o rio São Francisco, também chamado de rio da “unidade nacional”, que foi descoberto pelos portugueses em 04 de outubro de 1501, dia em que se comemora o aniversário de nascimento de São Francisco de Assis, o santo católico italiano. Assim, em homenagem ao homem-São Francisco, que sempre se curvava às maravilhas da natureza, que a reverenciava, que a respeitava e antevendo a importância desse rio, seus descobridores deram-lhe o nome que, com o tempo, carinhosamente, as pessoas passaram a chamar de “Velho Chico”.

O rio São Francisco nasce na Serra da Canastra, no estado de Minas Gerais, a 1.280 m de altitude. Serpenteando suas águas no sentido sul-norte, pela Bahia e Pernambuco altera, a partir daí, seu curso, tomando a direção leste, servindo de divisa entre os estados de Alagoas e Sergipe e chegando ao Oceano Atlântico, após um percurso de 2.700 km.

Devido à extensa dimensão territorial da bacia do rio São Francisco, a mesma foi dividida em regiões fisiográficas, para fins de planejamento e facilitar a localização de sua população e de seus diversos ambientes naturais: Alto São Francisco – inicia-se na Serra da Canastra e vai até a cidade de Pirapora, no centro-norte de Minas Gerais; Médio São Francisco – o rio atravessa todo o oeste da Bahia até o lago represado de Sobradinho, no município de Remanso (é a maior das quatro divisões); Submédio São Francisco – depois de passar por Remanso, o rio segue na direção leste, sendo a divisa natural entre Bahia e Pernambuco, até chegar ao limite com Alagoas; e Baixo São Francisco – continuando na direção leste, o rio passa a fazer o limite entre os estados de Alagoas e Sergipe até entregar, “feliz da vida”, suas águas ao Oceano Atlântico.

Lessa (2007, p. 17) procurou desvendar a vida do/no Baixo São Francisco a partir de: “[...] pesquisas de campo, baseadas na experimentação, imersão e vivência do pesquisador [...]”. Para a autora, nesse trabalho de imersão na vida do rio e dos ribeirinhos:

O entendimento teórico-conceitual da percepção e suas complexidades relativas à relação entre o ser e o mundo nos faz entender que há mais no espaço do que nossos olhos podem ver, ele é o que se percebe, um constructo além dos sentidos visuais, o espaço do Rio é também a fluidez da água, o cheiro da brisa do mar, o som do vento e da marola e o sabor do peixe (LESSA, 2007, p. 96).

O rio Capibaribe é apresentado por Janaína de Alencar Mota e Silva Marandola em sua dissertação de mestrado intitulada “Caminhos de morte e de vida: o rio severino de João Cabral de Melo Neto” (MARANDOLA, 2007). Este rio aparece na literatura por obra e graça de João Cabral de Melo Neto, que o tornou imortal em sua poesia e que foi desvendada pela geógrafa Janaína, em suas nuances fenomenológicas.

Esse rio que, na língua tupi significa rio das capivaras, nasce na serra de Jacarará, estado de Pernambuco; percorre o Polígono das Secas em seu alto curso, com um regime temporário das águas; em seu baixo curso, no agreste, torna-se perene, após alcançar o município de Limoeiro. Após percorrer 240 km em terras pernambucanas, lança suas águas no mar do Oceano Atlântico, na cidade de Recife (Figura 7) e, com ela, continua sua saga de vida e morte, indo e vindo numa dança infinita de fins e recomeços.

Figura 7. Aspectos do rio Capibaribe em Recife-PE, 2009



Fonte: <https://3.bp.blogspot.com/sc8BHPDXo/VzcgwAgzNtl/AAAAAAAAAKcl/tNQARsnsE0kBnzNwYxyiL8dHArqbMkqawCLcB/s1600/DSCF4205.JPG>

Marandola (2007) escreve em seu trabalho que o rio Capibaribe foi paisagem de vida de João Cabral de Melo Neto em sua infância e que ficou em seu imaginário, indo habitar as páginas da literatura quando já morava no Rio de Janeiro. O período em que esse rio virou poesia foi de dor e angústias para ele, pois, por questões políticas, estava afastado de sua carreira diplomática. Para Marandola (2007, p. 98), refletindo o momento, João Cabral se refere ao Capibaribe de forma “Rude, tosca, com assuntos nada poéticos, apresentando um rio falante, contando sua história e descrevendo a paisagem por onde flui desde a nascente até a foz”.

A Geografia do rio se manifesta na literatura de tal forma, que pode ser dada uma aula dessa disciplina, seguindo-se os passos do autor. Falando sobre a temporalidade do rio Capibaribe, João Cabral, em certa altura de sua viagem poética, afirma que sempre pensou que, se seguisse o rio jamais ele se perderia, pois, seu curso constituir-se-ia no caminho mais certo... o melhor guia de todos. Mas, quando o rio interrompe o curso de suas águas por conta da estiagem, como segui-lo se interrompeu a vida? E descobre que, como outros rios que têm seus caminhos pela caatinga, o Capibaribe é tão pobre que nem sempre pode cumprir sua sina, já que “suas pernas são cortadas no verão” (MARANDOLA, 2007).

O rio Capibaribe, para João Cabral, é um ser vivo que padece das mazelas da vida, que participa como personagem na vida do caminhante, que tem seus momentos de glória, quando está abastecido do líquido precioso; que tem seus momentos de angústia e sofrimento, quando fica seco e não pode continuar as tarefas que lhe foram confiadas. Em resumo, o trabalho de Marandola (2007) deixa bem claro quais os principais elementos que permeiam a escrita de João Cabral de Melo Neto em sua poesia “Morte e Vida Severina”, em que um dos personagens é o rio Capibaribe: poesia, espaço telúrico, imagens geográficas, Geografia, Literatura e fenomenologia.

“Na beleza do lugar, o Rio das Contas indo... ao mar” (CHIAPETTI, 2009) foi o caminho percorrido pela também professora-geógrafa Rita Jaqueline Nogueira Chiapetti, para desenvolver sua tese de doutorado, já transformada em livro de mesmo título (CHIAPETTI, 2014). O Rio das Contas é um rio perene, que nasce dentro de um oásis do sertão baiano, na Chapada Diamantina, coberta pelo bioma Cerrado, na porção centro-sul do estado da Bahia e se constitui na maior bacia hidrográfica inteiramente baiana. Ele nasce e começa sua descida no Cerrado, passa pela Caatinga em sua porção superior e média, percorre a Mata Atlântica em sua porção média e inferior e, depois dessa jornada de quase 500 km, entrega suas águas ao mar do Oceano Atlântico, na cidade de Itacaré, no sul do estado da Bahia (Figura 8).

Figura 8. O Rio das Contas indo ao encontro do mar em Itacaré-BA, 2008



Fonte: Chiapetti (2009).

O Rio das Contas, apresentado pela autora, teve sua alma desvendada através da percepção que os habitantes de seu entorno têm dele. Tendo como instrumentos entrevistas, poesias,

fotografias e literatura, ficou evidente a relação de cumplicidade entre o Rio e os que vivem dele, os que se divertem nele e os que o contemplam. Nessa relação entre Rio/pessoa, pode-se comprovar que a linguagem das águas é uma realidade poética direta que aparece como um ser total que tem um corpo e voz, conforme Chiapetti (2009, citando BACHELARD, 2002).

Como lugar, o Rio das Contas é visto como um produto da experiência humana e das aspirações pessoais e é uma realidade que deve ser compreendida na perspectiva dos que lhe dão significado, mobilizando seu intelecto e suas emoções (CHIAPETTI, 2009, citando TUAN, 1980; 1983); como paisagem é a manifestação concreta da relação das pessoas com o espaço que ele ocupa e a natureza, pois a paisagem é marca e, ao mesmo tempo, matriz. Ela é objetiva, pois se refere a um contexto concreto e, ao mesmo tempo, ela é subjetiva, porque evoca o imaginário, conforme escreve Berque (2004, citado por CHIAPETTI, 2009).

Joycelaine Aparecida de Oliveira, em 2009, apresentou a dissertação de mestrado envolvendo o rio São Francisco: “Ciclos de águas e vidas: o caminho do rio nas vozes dos antigos vaporzeiros e remeiros do São Francisco” (OLIVEIRA, 2009). Ela explica que vapores são barcos grandes movidos a lenha; e remeiros são os homens que conduziam as barcas pela força do remo, nas águas do velho rio.

Tal pesquisa foi o resultado da coleta das lembranças dos homens do rio que possibilitaram à autora entrar no mundo mágico das memórias/lembranças, espalhadas/espelhadas em suas águas, que os alimenta, transporta, banha, sacia a sede e diverte, tendo como meio de transporte seus vapores, no trecho entre Pirapora (MG) e Juazeiro (BA), em longos dias distante de suas famílias. Oliveira (2009, p. 16), a partir de conversas informais, de contemplação, de leituras e de diálogos com o rio, foi: “Descobrimo um rio real e imaginário, um rio místico. Um rio que se reinventa em cada pessoa... Um rio de muitas viagens... Um rio interior...”.

A tônica desse trabalho foi o rio São Francisco como espaço social, como lugar de vida e trabalho para os remeiros e os vaporzeiros que singram suas águas para dele extrair vida e, por isso, consideram-no um ente querido, um personagem sempre presente que participa de seu dia-a-dia, de suas vitórias, de seus fracassos, de suas descobertas. É um espaço de topofilia manifesta em suas falas e atos (Figura 9).

Figura 9. Trecho navegável do rio São Francisco na Bahia



Fonte: http://www.diariodocomercio.com.br/arquivos/c_hidrovia_reativada_1894209520.jpg

O rio de Ondas foi desvendado pelo professor-geógrafo Evanildo Santos Cardoso, em sua tese de doutorado, que tem o título: “Viver entre margens: a persistência na paisagem e no lugar dos beiradeiros do rio de Ondas, Barreiras-BA” (CARDOSO, 2012). A bacia do rio de Ondas, sub-bacia do rio Grande, um dos principais afluentes da margem esquerda do rio São Francisco, situa-se na região limítrofe dos municípios de Barreiras e Luís Eduardo Magalhães, no oeste baiano.

Os sentimentos de pertencimento à terra, manifestados pelos beiradeiros (moradores ribeirinhos) do rio de Ondas materializam-se: “[...] nas narrativas feitas pelos mais velhos como portadores de uma cultura intrinsecamente voltada para as atividades agrícolas, à pecuária e ao uso dos recursos naturais” (CARDOSO, 2012, p. 14). Devido à valorização crescente do rio para fins de lazer e turismo e de suas adjacências para pousadas e hotéis (Figura 10), os beiradeiros têm-se envolvido cada vez mais em conflitos relacionados à ocupação e uso da terra, visto sentirem-se parte integrante da paisagem ribeirinha, que se tornou seu lugar. Isto porque, segundo Cardoso (2012, p. 14): “A identidade no rural construída por laços afetivos e comunitários é a força motivadora para os beiradeiros persistirem na paisagem e no lugar imprimindo um cenário particular de trabalho, luta e sobrevivência”.

Figura 10. Rio de Ondas em Barreiras-BA, 2015



Fonte: http://barreirasbahia.com.br/images/empresas/100_6418.jpg

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os rios carregam consigo muitas histórias vividas pelas pessoas dos lugares que banham, sendo percebidos como paisagens valorizadas que representam também seu lugar vivido.

A percepção, como aporte teórico, foi observada na maioria dos trabalhos analisados, ficando evidente a forma que os pesquisadores colocam sua percepção de rios, quase sempre com imagens de belas paisagens, como nos exemplos de “pôr do sol no rio”, de “pescador do rio”, de “cachoeiras”, etc., dando significado às paisagens dos lugares pesquisados. Em quase todas essas paisagens é marcante a presença de pessoas navegando pelos rios ou utilizando sua água para o trabalho, esporte ou lazer... de alguma forma “se misturando” a eles, sentindo-se parte deles, muitas vezes numa vivência direta e íntima.

Em todos os pensamentos, falas e ações há uma linha filosófica que os orienta e define, sendo possível, nos trabalhos sobre os rios brasileiros, vislumbrar essa direção filosófica da fenomenologia. Essa, como um modo filosófico de reflexão, enquadra-se na experiência consciente na tentativa de explicar os fenômenos na sua essência, em termos de significado, como nos trabalhos dos rios pesquisados. Numa perspectiva fenomenológica, a paisagem é experienciada por quem a vive e, por isso, tem significado de acordo com a sua vivência, sendo a base fenomenológica da realidade geográfica, experienciada como atributo do seu mundo vivido.

Contudo, é nítida a preocupação dos autores com relação à degradação ambiental de todos os rios estudados, pois, à medida que há mudança de uso e ocupação das terras que abrigam as suas bacias hidrográficas, altera-se seu grau de fragilidade, requerendo, portanto, tomada de consciência da população que nelas vive, através de conhecimento sobre a sua dinâmica,

pois tudo que nela se faz acaba atingindo também os rios e, conseqüentemente, os seres vivos das suas bacias hidrográficas.

Concluimos, então, que os rios, cujas almas foram desnudas nos trabalhos pesquisados, precisam de proteção para que sua caminhada prossiga sem percalços, alimentando a terra com sua umidade, abrigo a vida que neles se desenvolve, respirando o ar puro à medida que serpenteiam por montanhas, planaltos, planícies, terras áridas... devolvendo umidade à atmosfera a fim de se transformar, novamente, em gotas que formam as nuvens que, quando saturadas, caem em forma de chuva e voltam novamente aos leitos dos rios, num abraço carinhoso das águas que ali ficaram à sua espera, para prosseguirem em seus percursos, até se encontrarem com o mar.

Portanto, o amor e o pertencimento que as pessoas têm pelos rios precisam sair das suas mentes e corações e se tornarem ações, a fim de que esses sentimentos não se degradem junto com a morte dos rios e tudo o que neles e deles vive.

REFERÊNCIAS

- ARBUÉS, D. **Rio e serra**. Goiânia: Kelps, 1997. 153 p.
- BARROCAS, R. **A (trans)formação do turismo no município de Brotas, SP: a relação entre o morador e o turista**. 2005. 100 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas (IGCE), Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), Rio Claro, SP, 2005.
- BLEY, L. **Morretes: estudo de paisagem valorizada**. 1990. 215 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas (IGCE), Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), Rio Claro, SP, 1990.
- BOCHENSKI, I. M. **A filosofia contemporânea ocidental**. 2. ed. São Paulo: Herder, 1968.
- CARDOSO, E. S. **Viver entre margens: a persistência na paisagem e no lugar dos beiradeiros do rio de ondas- Barreiras, Bahia**. 2012. 254 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Instituto de Estudos Socioambientais (IESA), Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, 2012.
- CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. **Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números**. 21. ed. Tradução: Vera da Costa e Silva et al. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007. 996 p.
- CHIAPETTI, R. J. N. **Na beleza do lugar, o rio das contas indo... ao mar**. 2009. 216 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas (IGCE), Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), Rio Claro, SP, 2009.
- _____; GRATÃO, L. H. B. A poética n'as curvas do rio: a imaginação geográfica no rio Cachoeira. **Geografia**, Rio Claro, v. 35, n. 2, p. 275-289, maio/ago. 2010.
- _____; CHIAPETTI, J. A água e os rios: imagens e imaginário da natureza. **Geograficidade**, Niterói, RJ, v. 1, n. 1., inverno 2011.
- _____. **Na beleza do lugar, o rio das Contas indo... ao mar**. Ilhéus, BA: Editus, 2014. 212 p.
- CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. Literatura, música e espaço: uma introdução. In: _____ (Orgs.). **Literatura, música e espaço**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2007. p. 7-16.
- DARDEL, E. **O Homem e a terra: natureza da realidade geográfica**. Tradução de Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011. 159 p.
- DARTIGUES, A. **O que é a fenomenologia**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1973.
- DEL RIO, V.; OLIVEIRA, L. de (Orgs.). **Percepção ambiental: a experiência brasileira**. São Paulo: Studio Nobel; São Carlos, SP: Editora da UFSCar, 1996.

- GANDARA, G. S. **Paravaçu!** Rio Grande dos Tapuias! Velho Monge... rio lendário. Disponível em: <www.fchf.ufg.br/historia/Artigo-PARAVACURev-Edson-UFG.pdf>. Acesso em: 17 mar. 2007.
- GRATÃO, L. H. B. **A poética d' "Rio" - Araguaia! De cheias... e... vazantes... (À) luz da imaginação!** 2002. 354 f. Tese (Doutorado em Ciências: Geografia Física) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH), Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2002.
- GUERRA, A. T. **Dicionário geológico-geomorfológico.** Rio de Janeiro: IBGE, 1987. 433 p.
- HOLZER, W. Uma discussão fenomenológica sobre os conceitos de paisagem e lugar, território e meio ambiente. **Revista Território**, Rio de Janeiro, n. 3, p. 77-85, jul./dez., 1997.
- _____. O método fenomenológico: humanismo e a construção de uma nova Geografia. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (Orgs.). **Temas e caminhos da Geografia Cultural.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010. 318 p. p. 37-71.
- LESSA, G. **No Baixo São Francisco:** a viagem do redescobrimento - do espaço ao lugar. 2007. 167 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, RJ, 2007.
- MARANDOLA, J. de A. M. e S. **Caminhos de morte e de vida:** o rio Severino de João Cabral de Melo Neto. 2007. 133 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas (IGCE), Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, (UNESP), Rio Claro, SP, 2007.
- NOGUEIRA, A. R. B. **Percepção e representação gráfica:** a "geograficidade" nos mapas mentais dos comandantes de embarcações no Amazonas. 2001. 181 f. Tese (Doutorado em Ciências: Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH), Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2001.
- OLIVEIRA, J. A. de. **Ciclos de águas e vidas:** o caminho do rio nas vozes dos antigos vaporzeiros e remeiros do São Francisco. 2009. 143 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto de Geografia (IG), Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Uberlândia, MG, 2009.
- PIRES, J. S. R. et al. A utilização do conceito de bacia hidrográfica para a conservação dos recursos naturais. In: SCHIAVETTI, A.; CAMARGO, A. F. M. (Orgs.). **Conceitos de bacias hidrográficas:** teorias e aplicações. Ilhéus, BA: Editus, 2002.
- POPP, J. H. **Geologia geral.** 4. ed. São Paulo: LTC, 1987.
- PENNA, A. G. **Percepção e realidade:** introdução ao estudo da atividade perceptiva. 3. ed. Rio de Janeiro: Mercúrio Star, 1982. 183 p.
- RELPH, E. C. As bases fenomenológicas da Geografia. **Geografia**, Rio Claro, SP, v. 4, n. 7, p. 1-25, abr. 1979.
- ROCHA, L. B. **O centro da cidade de Itabuna:** trajetória, signos e significados. Ilhéus, BA: Editus, 2003.
- SOUZA NETO, M. F. de. Três rios. Três regiões. Três poetas. **GEOUSP**, São Paulo, n. 1, p. 57-64, 1997.
- TUAN, Y. **Topofilia:** um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1980.